

Brasília,
25 de fevereiro de
2026

O BRASILIANISTA

Política, Direito, Economia e
Escritores de Brasília



LÍTICA ECONOMIA COLUNISTAS GEOPOLÍTICA J

Início » Murillo de Aragão

Detalhe que elege presidente

A lição política que a história recente ensina



Lula apostou em Geraldo Alckmin: escolha que reforçou estabilidade e consolidou pacto com o centro (Foto: Ricardo Stuckert PR/Agência Brasil)



Por **Murillo de Aragão** | 7 de fevereiro de 2026

A política costuma ser narrada como o reino das grandes decisões, dos pactos históricos e dos movimentos calculados.

Mas, na prática, ela também é moldada por gestos miúdos, ritos respeitados — ou ignorados — e escolhas que parecem secundárias no momento em que são feitas. Poucos episódios ilustram isso tão bem quanto a eleição presidencial de 1989.

Leonel Brizola tinha uma estratégia clara: precisava de um vice mineiro para ampliar sua competitividade nacional. Por sugestão do então senador Maurício Corrêa, o nome de Itamar Franco foi escolhido. O acordo estava encaminhado.

Faltava o gesto decisivo: o convite pessoal. Brizola deveria ir a Brasília para formalizá-lo, mas desistiu da viagem e tentou resolver tudo à distância, enviando um avião para buscar o senador. Itamar recusou. E foi direto ao ponto: se quisessem

que ele fosse vice, que fossem à sua casa convidá-lo. Não foram.

O detalhe, aparentemente banal, teve consequências profundas. Fernando Collor, atento à importância de Minas Gerais, rapidamente se aproximou de Itamar e fez o convite nos termos esperados pela liturgia política. Itamar aceitou.

Brizola, sem alternativa regional equivalente, compôs chapa com Fernando Lyra — nome respeitado, mas incapaz de produzir o mesmo efeito eleitoral. O resultado é conhecido: Brizola perdeu, por margem mínima, a vaga no segundo turno para Lula.

Collor, com um vice mineiro forte, ganhou densidade em um dos maiores colégios eleitorais do país e venceu a eleição.

A escolha do vice é decisão estratégica frequentemente subestimada. Um vice bem escolhido amplia a base eleitoral, trazendo credenciais que o cabeça de chapa não possui — penetração regional, legitimidade setorial, ou ponte com segmentos resistentes.

José Alencar conferiu a Lula em 2002 o diálogo com o empresariado que sua biografia sindical não alcançava. Michel Temer trouxe a Dilma a capilaridade congressional do PMDB.

Outros vices passaram despercebidos, sem marca positiva ou negativa.

A lição permanece atual. Em 2022, Bolsonaro dispensou Hamilton Mourão, que mantinha alguma penetração entre eleitores moderados — justamente onde o presidente enfrentava maior resistência.

Em eleição decidida por margem mínima, a troca custou caro. Do outro lado, Lula apostou em Geraldo Alckmin: escolha que reforçou estabilidade e consolidou pacto com o centro, embora com impacto eleitoral limitado.

O ponto decisivo está adiante. Na eleição de outubro, a definição do vice será crucial para quem disputar fora do campo governista.

A história mostra que eleições não se perdem apenas por grandes erros. Às vezes, perdem-se por não ir à casa certa, no dia certo, fazer o convite certo.

***Este texto foi veiculado originalmente na [Veja](#)**

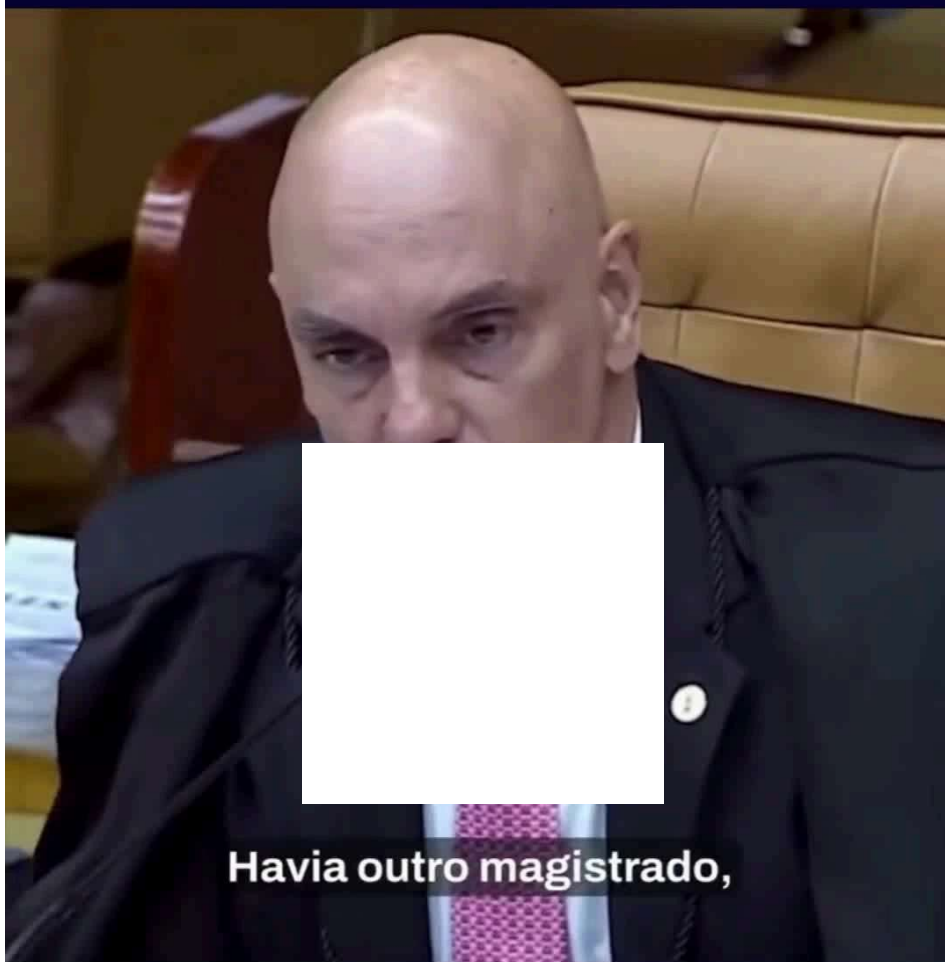
Siga O Brazilianista



o_brasilianista e bnews.sp
Áudio original

Ver perfil

O BRASILIANISTA



Havia outro magistrado,

**MORAES CRITICA JUÍZES QUE ATUAM
COMO INFLUENCIADORES DIGITAIS**

[Ver mais no Instagram](#)

4 curtidas

o_brasilianista

Durante julgamento no Supremo Tribunal Federal (STF) que debateu os limites da atuação de magistrados nas plataformas digitais, o ministro Alexandre de Moraes fez críticas a juízes que buscam visibilidade nas redes sociais enquanto exercem a magistratura.

Segundo Moraes, a postura de se comportar como “influencer” é incompatível com a função judicial, que exige discrição, imparcialidade e respeito às normas éticas da carreira. A discussão ocorre em meio ao avanço do uso das redes por integrantes do Judiciário e à preocupação da Corte com possíveis excessos e impactos na credibilidade das decisões judiciais.

 Reprodução/Redes Sociais

Adicione um comentário...



Murillo de Aragão

Murillo de Aragão, advogado, cientista político e jornalista, mestre em Ciência Política e doutor em Sociologia pela UnB com pós-doutorado pela Universidade de Salamanca. Foi professor-adjunto da Columbia University em Nova York.

Tags:

Bolsonaro

Brasil

Congresso Nacional

Dilma Rousseff

Eleição presidencial

Geraldo Alckimin

Governo Lula

Jair Bolsonaro

Luiz Inácio Lula da Silva

Lula

presidente

Todos os direitos
reservados |

Política de
Privacidade

| Termos de
Uso